

## A lingua dos escritores portuguêses contemporâneos

NOTA-SE vulgarmente de ruim, por impurezas que tem, a lingua dos modernos escritores nossos;—e com verdade pode confessar-se a quase nenhuma cultura lingüística da grande parte dêles. No entretanto cumpre não esquecer que o escritor moderno, tirante as excepções exotissimas do Chiado mais atinentes ao campo da patologia, não deteriora a lingua propositadamente embora seja lastimável que, em regra, não possua conhecimentos da história do portugûes, e não fôsse habituado a tirar dos *classicos* ajuda contra as infiltrações estranhas, especialmente francesas, que, accumulando-se, vão desgastando na lingua as suas características mais salientes, tornando-a como um dialecto do portugûes estreme.

Quase sempre entra-se a escrever sem os mais rudimentares estudos glosológicas, até porque a filologia se limita as mais das vezes a um conjunto exagerado e absoluto de fórmulas rígidas e nada atraentes que raro prende o artista e só interessa ao erudito. Muito poucos se apercebem da necessidade de escrever com pureza a lingua pátria e raro será o moderno escritor que antes de encetar os seus escritos, se dê ao cuidado de procurar nos clássicos e no povo os elementos de trabalho; — e, não reparando

que é dever conservar á lingua as suas características autónomas, poucos haverá que principiem por desfolhar um glosário de francesismos ou um dicionário autorisado.

Ora é de notar que a geração actual não pode ser justiceiramente incriminada pelo desprezo a que votaram a lingua-gem. Herdamos uma situação que nos chegou aureolada por tôda a arte da que nos precedeu. Criados com os hinos de Eça e de Fialho—tão pouco preocupadosde aspirações puristas—é natural que a arte dêles nos não erguesse no espírito o culto do portugês legítimo. As preocupações nacionalista da geração nova põem-nos agora o problema da defesa da lingua, e nós verificamos com tristeza que hoje em Portugal, o mais difficil, é certamente escrever em portugûes.

Produto do desenvolvimento coesivo da nação, a lingua não resistiu, tal qual as instituições, ao desconjuntamento geral. Não podêmos esquecê-la em nossas âncias de ressurreição, chamando por isso ao seu culto todos os que, neste instante desalentado, aspiram a reconstruir integralmente a Patria. Decerto que não podemos regressar á lingua-gem de seiscentos; é impossível manietar os movimentos dum idioma que tem de exercitar-se para viver e nem mesmo a lin-



gua de ha três seculos pode ser expressora de todas os sonhos, pensamentos e sentimentos que actualmente nos absorvem, embora não possamos prescindir dela para a formação da lingua literária contemporânea, mal parecendo que o português continue a ser o manto de farrapos cerzidos a êsmo pelo jornalismo apressado e pelo exotismo desnacionalista dos *diletantes*.

Mas será possível na literatura moderna respigar já elementos que nos deixem a impressão de que alguma coisa se tenta no sentido duma ressurreição linguística? Quero crêr que sim.

Sem me referir aos benemeritos da *Revista Lusitana* que têm acarretado milhares e milhares de vocábulos perdidos na bôca do pôvo—(—e já dizia o Camilo que o pôvo fala a língua limpa como Bernardes ou Luís de Sousa... —) sem me referir aos profissionais da filologia cujos trabalhos muito teem contribuido para a defesa da língua, não ha dúvida que nos últimos anos alguma coisa se aproveitou. A's vezes instintivamente? Desordenadamente?

O que é certo é que alguns escritores modernos estudam a língua com ternura, não sendo preciso notar senão o Sr. Antero de Figueiredo, que nos seus últimos livros adquiriu até uma pureza de locução muito notavel, o Sr. Afonso Lopes Vieira que logicamente, no entranhado amôr por tudo o que é português, não esqueceu nem podia esquecer a linguagem. As páginas que em louvor dela escreveu no *Em Demanda do Graal* são curiosissimas e deviam ser berradas constantemente aos ouvidos de quantos não querem convencer-se de que havemos de presá-la pois que dela nos utilizamos.

E dentro das actuais tendências regionalistas o desejo de escrever em português é evidente como se mostra nos livros do Sr. Aquilino Ribeiro, escritor de méritos excepcionais, que no entretanto carece de critério seguro ou defensável no uso do vocabulário popular que copiosamente recolheu e emprega. A culpa não é só do escritor que pode não ter discutido consigo próprio êsse aspecto da sua obra, mas principalmente daquilo a que, por falta de expressã adequada, se chama *critica literária* dos jornais,—uma coisa por via de regra incolor, amorfa, inconsistente, que escusava, para o que faz, de ser inventada se não existisse.

Em geral o *critico* abdica voluntariamente da sua função limitando a tarefa, se é honesto, a alinhar apenas um rol das publicações com alguns agradecimentos para findar. Se é videirinho, porém, o *critico* fiado na ignorância do publico que lê, dilue a noticia num *mare magnum* de adjéctivos em que as mais das vezes nem o bom senso escapa.

Na própria França donde copiamos tudo numa renúncia deprimente do que é nosso, a par da avaliação estética e muitas vezes social do livro, nunca falta na critica literária a apreciação rapida da lingua usada pelo escritor que, embora tenha todas as qualidades, desde que não saiba francês, é impiedosamente censurado. Aqui não. Podem contar-se as pessoas que protestam contra a dissolução em que a linguagem caiu e poucos haverá que, neste momento, cogitem em dar-lhe os moldes naturais que vão desaparecendo com as características mais salientes e mais distintas. E muitas vezes para fugir-se ao perigo do estrangeirismo, cai-se no extremo oposto



não duvidando em empregar vocábulos chulos e improprios duma lingua de civilização.

O Sr. Aquilino Ribeiro, por exemplo, não hesita em escrever no próprio texto formas de linguagem literária desenvolvidas ou estropiadas pelo pôvo — absurdeza inadmissivel que o *critico* tinha obrigação de salientar porque vai tanto contra a integridade da lingua como a propria introdução do galicismo. Não é possível extinguir a distância que vai da linguagem culta á popular e desta não pode aquela aproveitar senão a forma sintática expressiva por vezes, o bo-leio da frase caracteristico, e o vocábulo que não tenha representante na lingua culta. Claro: — não me refiro ao falar das personagens campestinas, pois que, ahi, todas essas liberdades são naturais para dar mais realce e realidade ao dizer.

Deste defeito não pode ser acusado o Sr. Antonio de Séves no seu único livro *Leomil*, estreia nada frivola que nos descobre uma conformação possante de escritor para quando, tendo tentado as forças nos quadros do *Leomil*, se abalançar a uma obra de fôlego com acção larga e unidade onde possa utilizar todos os seus recursos.

O Senhor Antonio de Séves, que não possui a extensa erudição vocabular do Sr. Aquilino Ribeiro e quase só emprega vocabulos dicionarizados, tem melhor critério na applicação esforçando-se sempre por manter no texto a forma erudita. Apenas na applicação do *num* dialectal de Trás-os-Montes e Beira Trasmontana o Senhor Antonio de Séves, não sabemos porquê, abandonou êste critério sendo curioso notar que, applicando-o em todas as negativas e portanto dezenas de vezes, nem uma só descambou na sua applicação.

A forma *num* existe a par de *não* para as negativas mas tem método diferente no emprêgo: — *num*, emprega-se junto ao verbo, *não*, independentemente. Desta forma diz em Trás-os Montes e em parte da Beira: — “Eu *num* quero isso”, em vez de: “eu não quero” em linguagem culta; — mas já em resposta nesta frase: — “Queres isto?” — “Não.”

Corresponde ao francês — *ne... pas*, *ne... point* —; enquanto o *não* corresponde a *non*. Ex: “Je *ne* veux *pas*”; mas: “Est-ce que tu veus? *Non*, je *ne* veus *pas*.” Na frase seguinte nota-se bem a diferença: — “Tu *num* queres isso, pois não?” Ao passo que se repetimos o verbo, dir-se-ha: “Tu *num* queres isso, pois *num* queres?”

Não concordo com o sistema de introduzir na lingua literária, sem conto nem medida, expressões da linguagem popular. Reconheço no entanto que tal processo é natural como reacção contra as compressões continuadas do estrangeirismo. Pois se ainda ha pouco tempo uma senhora que tem pretensão de fazer-se entender em Portugal, com arraial assente nas letras e perfeitamente enquadra na literatura ferrugenta e *chic* do Chiado, não publicava num semanário illustrado certa poesia com palavras portuguezas, é certo, mas aí metade das rimas francesas ou inglesas? A verdade, porém, é que este desnacionalismo indecoroso não está no gosto da melhor parte, a qual não quiere solidariedade com aqueles individuos que, embora dizendo-se da geração nova, não communham nas ideias nacionalistas e tradicionalistas que são afinal a característica maior da gente moça. E, ainda assim, se a linguagem literária dos escritores novos não tem aquella pureza que alguns



dos velhos desejariam, de quem é a principal culpa?

Como fiz notar atrás, é difficilimo hoje em dia escrever portuguez legítimo, limpo de máculas, já não digo necessarias, mas até aggressivas do espirito da lingua. Os livros que nos entregaram primeiro, aqueles que alevantaram a nossa intelligência e a formaram, redigiram-nos seus autores com preocupações emocionais curiosas, mas quase nunca revestidas de outras em que o idioma nacional encontrasse defesa e cuidado. Nenhum escritor dos que ultimamente nos precederam deixou de ter culpa neste estado de coisas. Nenhum construiu as suas obras com a aspiração de que a inteireza da lingua nelas fôsse respeitada. E ainda quando a nossa intelligência buscava a forma em que havia de moldar-se, autores antigos e até modernos que poderiam ser tomados como modelos de boa linguagem, eram desprezados de todos. Castilho, por exemplo, quem o lia? Latino era «um estilo á busca dum assunto»... E os autores novos desse tempo faziam gala da sua ignorancia, e primavam de caso pensado em salpicar a lingua de estrangeirismos ora escusados ora irritantes. Algumas vezes até, com tal arte o faziam que chegavam a impôr-se a quem sempre presou a pureza do idioma e o defendeu. Haja em vista, por exemplo a confissão do Sr. Doutor José Leite de Vasconcelos, infatigavel «paladino da linguagem» vernacula, que algures reconhece no *Crime do Padre Amaro* «estilo genial» — embora «enegrecido de impertinentes galicismos». E admira que nós, os que entravamos, não tendo a cultura linguistica deste professor, dobrassemos ante o estilo genial

sem notarmos a negrura dos «impertinentes galicismos?»

E vá-se reparando tambem que não é de agora o preocupar-se pouco a gente nova com vernaculidades de expressão. No século aureo da boa prosa, Jacinto Freire de Andrade, no prólogo da *Vida de D. João de Castro*, pedia para o seu livro, ao menos, a glória de ser «escrito em lingua Portuguêsa, que tantos engenhos modernos, ou temem, ou desprezam, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passaram como hospedes, sem respeito áquelas veneráveis cãs e ancianidade antiga.»

E se isto era assim no seculo de Vieira, de Bernardes, de Frei Luís de Sousa, de Jacinto Freire—e de tantos outros alguns deles quase esquecidos, que se dirá de quantos vieram ao mundo neste século em que a vernaculidade é ainda para muitos *mania* ou *caturrice* de alguns *mágicos*? Some-se a isto o serem os mestres que indicaram á nossa geração pessoas que lidavam por escrever portuguez desleixado e tão confuso como propriamente as ideias que expunham—Bruno, o Senhor Teófilo, o Senhor Basilio Teles, eu sei lá... —e logo se admirem de que a nossa linguagem não seja ainda tão apurada como a daqueles que, vindos primeiro do que nós, mais cedo lhe estudaram os segrêdos e se aperceberam das suas belezas naturais.

No entretanto pode afirmar-se, como regra geral, que os escritores novos desejam ao menos escrever em portuguez legitimo, só o não fazendo porque não tiveram ainda tempo para inteiramente a estudar; e que êles reconhecem



a necessidade de proclamar, com a resurreição do país, a autonomia da língua. O idioma é talvez a representação mais perfeita da Patria, e quando é melodioso e formosíssimo como o nosso, certamente também a sua melhor obra. Não deve ser esquecido em nossas aspirações de revivescencia, já que não uniamos a uma reintegração parcial do país. Queremos a Patria total—a terra, o espirito, a historia—, tudo o que sendo português fôr brazão da nossa inde-

pendencia e a razão de ser da nossa vida de povo. Pelo nosso esforço havemos de nobilitar a lingua, tão pobre e remendada agora, para que num momento ela seja a de todos os instantes da nação no seu desenvolvimento, desde as estrofes de Pai Soares, o primeiro trovador, até aos balbucios do derradeiro poeta que despontar.

**Manuel Murias.**